

O MÍSTICO EM *JANE EYRE*

Raíssa Raquel Santos DE AQUINO

Universidade Federal de Minas Gerais

raissa7aquino@gmail.com

Resumo: Neste trabalho pretendo demonstrar como a obra *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, destoa do conservadorismo religioso cristão do século XIX, ao propor um discurso inclusivista e ousado. Brontë rompe com e critica o Ritualismo, estimulando experiências místicas, sobrenaturais, e superstições em seu lugar. Isto ocorre desde o princípio da narrativa a partir da apresentação de uma religiosidade hipócrita na personagem de Brocklehurst, um Cristianismo mecânico representado por St. John Rivers, e a exaltação de verdadeiros valores Cristãos e ênfase na existência de um mundo espiritual, que pode ser observado em Helen Burns. Além disso, a autora também sugere a união entre o sagrado e o profano por meio de Jane e Rochester, e mesmo então justificando esta união através do misticismo sempre presente no enredo. Tais características inclusivistas podem ser observadas em evidência em pelo menos três passagens que serão analisadas aqui. Para tanto, serão utilizados artigos relacionados ao tema, publicados por críticos vitorianos e brontënicos consagrados, como George Landow. Neste sentido, meu trabalho propõe uma discussão sobre o uso de representações místicas em *Jane Eyre* em oposição ao contexto em que o romance surge, e como estas afetam a leitura da obra.

Palavras-chave: *Jane Eyre*; Misticismo; Sobrenatural; Superstição; Inclusivismo.

Notabilizado por seu caráter sentimental e por vezes gótico, *Jane Eyre* (1847) tem tido seu forte conteúdo espiritual e sobrenatural frequentemente subestimado. Críticos como Briel Steinberg (2004) defendem o quanto forças sobrenaturais e místicas desempenham um papel importante ao longo do romance:

Grandes coincidências apóiam o texto em diversos casos, sugerindo que uma força maior está operando no que concerne a história. Sonhos, premonições e visões também têm o seu lugar dentro do texto e, em certos casos, eles parecem guiar Jane em sua jornada¹. (STEINBERG, 2004, tradução minha)

A obra-prima de Charlotte Brontë (1816-1855) foi produzida durante a tão chamada “Era Vitoriana”, numa Inglaterra inconstante em termos doutrinários. A diversidade de pensamentos dentro da Igreja Anglicana daria lugar a uma teologia particular apresentada por

¹ Immense coincidences support the text in many instances, suggesting a greater force is at work where this story is concerned. Dreams, premonitions, and visions also have their place within the text, and in certain instances they seem to guide Jane as she embarks upon her journey.

Brontë, evidente especialmente em *Jane Eyre*, caracterizada pela exaltação da espiritualidade em detrimento da religiosidade. Tal teologia poderia ser vista como uma espécie de Misticismo (do grego, μυστικός, uma religião de mistérios), uma vez que a personagem Jane demonstra um tipo de religião que busca um relacionamento íntimo com Deus, ou com a espiritualidade, por meio de experiências diretas ou intuitivas. Desse modo, o Misticismo em *Jane Eyre* será apresentado e comentado à luz da atmosfera religiosa da época, evocando novas leituras deste consagrado clássico.

De uma forma geral, a Igreja da Inglaterra do século XIX experimentava um momento de transição na medida em que derivava de um movimento, o Movimento Evangélico, e ingressava num outro, o Movimento de Oxford. Iniciado em 1730 pela “Baixa Igreja” (Low Church), o Movimento Evangélico pregava a necessidade de uma salvação pessoal, a autoridade máxima da Bíblia, a ênfase nos Evangelhos e na morte e ressurreição de Cristo. Tais aspectos, embora mais enfatizados no século XVIII, ainda se fazem presentes na doutrina encontrada nas obras de Brontë, um século à frente. Em 1833, com o início do Movimento de Oxford pela “Alta Igreja” (High Church), o qual buscava uma renovação espiritual na Igreja então estagnada, pode-se dizer que a sociedade passou a apreciar a tradição ritualista bem como a espiritualidade. Este movimento preocupava-se com a Igreja adormecida e incentivava seu renovo reforçando a tradição e a linhagem original Católica. A fim de alcançar a renovação pretendida, houve uma exagerada ostentação quanto à tradição, o que levou a outro extremo, o Ritualismo, característico da segunda fase do Movimento de Oxford. Como o próprio nome define, o Ritualismo buscava recuperar a beleza da antiga Liturgia não apenas na ordem do culto, mas também nas canções e indumentárias. Segundo Glenn Everett e George Landow (2007), o Movimento de Oxford

acrescentou uma opção conservadora à animada atmosfera de debate religioso Vitoriano. Os Vitorianos, que abominavam o ateísmo dos utilitaristas e o agnosticismo dos cientistas, estavam insatisfeitos com o entusiasmo dos evangélicos e viam os da Igreja Larga como sendo muito latitudinários para ter algum significado que restasse à sua doutrina, e ainda assim não tinham estômago para ir a Roma, viram nos Anglicanos da Alta Igreja uma solução conservadora perfeita². (EVERETT, LANDOW, 2007, tradução minha)

Como afirma Stephen Greenblatt (2001), a literatura é concebida “para refletir as crenças do período, mas para refleti-las, por assim dizer, de uma distância segura³” (GREENBLATT, 2001, p. 2254, tradução minha). Assim, a Igreja Larga, também chamada Latitudinário, pode ter dado a Brontë a inspiração necessária para seu característico inclusivismo, principalmente por a autora se mostrar liberal e pouco comprometida com dogmática ou teologia conservadora. Este ramo da Igreja, como definem Mark Knight e

² The Oxford Movement added a conservative option to the lively atmosphere of Victorian religious debate. The Victorians who abhorred the atheism of the Utilitarians and the agnosticism of the scientists, were put off by the enthusiasm of the Evangelicals, found the Broad Church too latitudinarian to have any meaning left to its doctrine, and yet could not stomach going over to Rome, found these High Church Anglicans a perfect conservative solution.

³ Literature is conceived to mirror the period’s beliefs, but to mirror them, as it were, from a safe distance.

Emma Mason (2006), era formado por “Cristãos que eram mais teologicamente liberais em suas crenças, menos rígidos em sua insistência nos fundamentos da fé, e geralmente mais receptivos aos mais recentes desenvolvimentos no pensamento crítico⁴” (KINGHT, MASON, 2006, p. 126, tradução minha). De fato, conforme defende José Gómez-Heras (1972), os membros do latitudinarianismo “reduzem as bases dogmáticas da Igreja Anglicana e renunciam a contornos doutrinários definidos, preferindo uma atitude eclético-indiferentista e irônico-ecumênica em matéria de ideologia⁵.” (GÓMEZ-HERAS, 1972, p. 235, tradução minha), sendo este o comportamento refletido por Brontë em *Jane Eyre*.

Como Mark Jackson (1994) afirma, na época de Brontë os protestantes evangélicos eram uma minoria da Igreja da Inglaterra, mas ainda assim uma força dominante na vida dos Ingleses entre 1789 to 1850. Josef L. Altholz (2001) também aponta que mais do que qualquer outro fator potencialmente influenciador, a religião ocupava um lugar de destaque na consciência pública e possuía um papel central na vida intelectual da época. Com efeito não houve grandes crises intelectuais de fé antes da publicação de *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin (1809-1882), em 1850, até mesmo porque o rito religioso era mais uma questão de hábito do que de experiências espirituais realmente vivenciadas. Assim, os princípios pregados pelo Movimento atuante seriam inevitavelmente absorvidos pela sociedade, fosse o Movimento Evangélico ou de Oxford. Segundo Peter Bolt (1999), tal contexto religioso permitiu que Brontë tecesse em suas narrativas uma complexa teia de valores éticos e morais que escondiam seu profundo conhecimento religioso e seus fortes princípios Cristãos.

Embora a religião dominasse o contexto de *Jane Eyre*, o rito religioso em si era valorizado à custa das ditas experiências espirituais/sobrenaturais. Isto se dava principalmente por consequência do Ritualismo, o qual pretendia usar da tradição litúrgica como ferramenta para a restauração da Igreja. Assim, o conservadorismo Inglês julgava qualquer variação ao padrão uma anomalia e, desta forma, era rejeitada. Isto não é, no entanto, um privilégio da Era Vitoriana, uma vez que ainda hoje o que não pode ser explicado cientificamente, o desconhecido, continua sendo, conscientemente ou não, ignorado ou alvo de escárnio.

O romance proporciona uma visão de religiosidade majoritariamente pejorativa, encontrada principalmente durante a infância de Jane, em duas personagens cujas presenças no enredo levantam questões referentes ao Cristianismo em sua forma e conteúdo. Brocklehurst segue a Lei à risca, lembrando a figura dos fariseus no Novo Testamento. Caridade, piedade, nada disso possui qualquer relevância em face das ordenanças “maiores”, como memorização das Escrituras. Em seus relatos sobre o funcionamento da escola Lowood sob a gestão de Brocklehurst, Jane observa criticamente:

Os negócios agora começaram: a Coleta do dia foi repetida, em seguida alguns textos da Escritura foram recitados, aos quais se sucedeu uma

⁴ Christians who were more theologically liberal in their beliefs, less rigid in their insistence on the fundamentals of the faith, and generally more receptive to the latest developments in critical thought

⁵ [...] reducen las bases dogmáticas de la Iglesia Anglicana y renuncian a contornos doctrinales definidos, prefiriendo una actitud eclético-indiferentista e irónico-ecuménica en materia ideológica.

demorada leitura de capítulos da Bíblia, que durou uma hora. No momento em que aquele exercício terminou, o dia já amanhecera completamente⁶. (BRONTË, 1994, p. 47, tradução minha)

A espiritualidade, no entanto, é valorizada por meio de Helen Burns e de ideias e atitudes demonstradas ao longo do enredo. A melhor amiga de Jane em Lowood comprova todo o seu caráter e amor Cristo em suas atitudes humildes, seu perdão aos que lhe machucam, sua submissão. Nota-se que o aspecto ético passa a ter maior importância diante do dogmático. Neste momento da história havia um forte estudo teológico buscando firmar-se no comportamento ético de Cristo ao invés de nos dogmas da Igreja. Em uma conversa profundamente filosófica com Jane, Helen prega a respeito do mundo espiritual, afirmando:

Além desta terra, e da raça humana, há um mundo invisível e um reino dos espíritos; esse mundo está à nossa volta, pois está em toda parte; e esses espíritos nos observam, pois receberam ordens para vigiar-nos. (BRONTË, 1983, p. 69)

O que se pode notar é a discrepância entre as visões oferecidas por Brontë sobre o Ritualismo Anglicano representado por Brocklehurst e correspondente à prática do período e a espiritualidade experimentada inicialmente por Helen e mais tarde também por Jane. A referida discrepância não apenas informa o leitor de um possível descaso da narradora pela tradição no sentido de forma, mas também reforça valores relativos ao ser interior, à subjetividade e ao seu conceito pessoal de verdadeiro Cristianismo. O Cristianismo proposto por Brontë em *Jane Eyre* manifesta consideração pelo conteúdo, ensinamentos, e ética Cristã em vez do esperado louvor ao Ritualismo típico de sua época. Brocklehurst e Helen Burns formam os dois contrastes que surgem no início da narrativa, como o principal presságio das ideias a serem imputadas em seguida.

Além destas duas personagens, St. John Rivers também é criticado pela heroína bem mais a frente. Jonathan Glasser (2003) discute os sentimentos de Jane com relação a seu primo e o que ela pensa de sua vida espiritual, tomando esta crítica como “uma representação da opinião de Brontë no que concerne a interpretação errada dos ideais religiosos e a perda da espiritualidade como resultado de extremismo⁷”. (GLASSER, 1993, tradução minha). A própria Jane diz: “Estava certa de que St. John Rivers – um homem de vida pura, zeloso, consciente como era – ainda não encontrara aquela paz divina que ultrapassa todo entendimento.” (BRONTË, 1983, p. 346). Em outras palavras, ela julgava St. John um ritualista de vida mística tímida ou mesmo inexistente.

Em seus estudos, Eliza Brownell (1993) discute a quantidade de conteúdo sobrenatural que há em *Jane Eyre*. A respeito de Rochester, ela afirma que por diversas vezes ele menciona presciência. Como o próprio Rochester conta a Jane: “Eu sabia – ele disse – que

⁶ Business now began: the day's Collect was repeated, then certain texts of Scripture were said, and to these succeeded a protracted reading of chapters in the Bible, which lasted an hour. By the time that exercise was terminated, day had fully dawned.

⁷ The passage above is clearly representative of Brontë's opinion concerning the misinterpretation of religious ideals and the loss of true spirituality as a result of extremism.

você me faria bem de alguma forma, em algum tempo: vi-o em seus olhos quando primeiro a contemplei.” (BRONTË, 1983, p. 150). Brownell continua: “tanto ele quanto ela acreditam implicitamente no que se vê nos olhos, na natureza, em sonhos⁸” (BROWNELL, 1993, tradução minha). Estes sinais que são vistos por eles são na verdade experimentados de maneira sobrenatural, mística. Dentre as diversas passagens nas quais uma espécie de misticismo é apresentada, há no mínimo três que merecem um estudo mais minucioso. Tantas outras poderiam ser abordadas, como o episódio do quarto vermelho, no entanto as situações que mais chamam atenção são aquelas que mais transgridem o que se entedia por Cristianismo na época.

Vale salientar que o Cristianismo ao qual me refiro seria o Protestantismo, que geria a Inglaterra naquele momento. Knight e Mason (2006) explicam como o Protestantismo via pecado na natureza segundo um de seus princípios, o da Total Depravação e pecaminosidade do mundo e, portanto, não seria lógico encontrar revelações de Deus na natureza. Assim, o sobrenatural no século XIX permanece associado ao Catolicismo, enquanto o racionalismo está relacionado ao Protestantismo. O sobrenatural no Catolicismo pode ser observado ainda hoje na crença de que na Eucaristia ocorre a transubstanciação do pão e do vinho, que se tornam de fato corpo e sangue de Cristo.

Como um primeiro momento místico, no final do capítulo 18 e ao longo do capítulo seguinte, o leitor se depara com a cena da cigana na biblioteca mal iluminada, com todo um figurino típico de seu povo e a fumaça de seu cachimbo enchendo o ambiente de um ar intencionalmente misterioso. A prática da magia e adivinhação era reconhecidamente repudiada, como é exemplificado no desejo das personagens de que a cigana seja convidada a se retirar da mansão imediatamente. A narrativa toma o rumo inesperado a partir do momento em que as personagens se convencem de que uma consulta à cigana seria no mínimo divertida. Todos se consultam individualmente e em turnos. Jane não se apresenta voluntariamente, como os demais, e é convocada a se apresentar à presença da cigana. Ainda assim, Jane deixa claro desde o princípio que não tem fé na arte da cigana, pois “não é tola.” (BRONTË, 1983, p. 193). A cigana, então, demonstra um conhecimento bastante íntimo de Jane, o que a surpreende.

No entanto, a própria aceitação do convite à consulta já é em si uma contradição de argumento; uma vez que não se acredita na (pseudo) magia da cigana, fazer uso desta seria não apenas desnecessário, mas também pecado, por ser contrário aos princípios Cristãos advertidos na Bíblia. Este trecho lida com questões de preconceito e estereótipo presente no comportamento inicial das personagens diante do que é socialmente desprezível. A ação de Jane e dos demais envolvidos, além de contrária as suas crenças, demonstra má conduta e desprezo perante os usos e costumes da sociedade em que o romance toma lugar. Contudo, se por um lado Jane rompe com a tradição no ato da consulta e mesmo ao longo desta quando, de certa forma, rende-se à cigana; por outro lado, ao fim da consulta, Jane é absolvida de qualquer possível culpa pelo fato de ter a cigana se revelado como sendo Rochester disfarçado

⁸ Both he and she believe implicitly the things they read in eyes, in nature, in dreams.

(BRONTË, 1983, p. 199). Na realidade sua atitude potencialmente revolucionária é inconclusiva.

Um segundo episódio que demonstra particularmente a crença em superstições é introduzido no capítulo 21, na declaração de Jane de sua fé em pressentimentos, simpatias e sinais (BRONTË, 1983, p. 217). Ela então relata que teve sete sonhos consecutivos com uma criança, e como se acredita que seja um mau presságio sonhar com crianças. Em seguida, Jane é avisada de que seu primo John Reed falecera e a Sra. Reed encontrava-se em seu leito de morte – e de fato, chega a falecer. O que parece claro é o esforço da narrativa em comprovar a validade de tais superstições. Não apenas a heroína prega determinados crenças que findam acontecendo, mas ainda quando não se é comentado, os fatos repetem-se e são justificados pela superstição previamente esclarecida.

Em outro momento, Jane sonha com uma criança novamente (BRONTË, 1983, p. 278), sendo este sonho seguido do ataque de Bertha Mason e, eventualmente, do cancelamento do casamento entre Jane e Rochester. Embora após este sonho Jane não mencione a relação entre a criança e o acontecimento que segue, ainda assim, o fato de ela ter mencionado anteriormente reforça a superstição. Assim, os sonhos eventualmente se realizam ou possuem um quê de presciência por parte de Jane, a qual, enquanto ignorante, presentia neste mesmo sonho uma barreira entre ela e Rochester (p. 278), que seria a existência do matrimônio com Bertha. Ainda neste sonho Jane vê Rochester afastando-se dela (p. 278), o que aponta para a iminente separação dos dois. O sonho da destruição de Thornfield, no mesmo capítulo (p. 279), literaliza-se quando Bertha põe fogo no local. A própria Jane chega a reconhecer as imagens de seu sonho ao retornar a Thornfield após o incêndio, ainda desconhecendo o acontecido, vendo na propriedade “uma ruína enegrecida [...] como eu vira num sonho” (BRONTË, 1983, p. 417).

Assim, como Allan Gordon (2004) argumenta, Brontë deixa clara a potencialidade dos sonhos de funcionarem como advertências a Jane, seja de aflição ou boa sorte. Estes seriam sonhos proféticos, dignos de alguém que vivencia um relacionamento íntimo com um espírito superior que, no caso de Jane, é o próprio Deus. A declaração supersticiosa de Jane confirma a distância da obra das questões científicas ou mesmo dos costumes da aristocracia Inglesa, por ser a crença em superstições majoritariamente associada às classes mais baixas e desprestigiadas, embora este não fosse o público-alvo de leitores da obra. Sendo também associadas ao Catolicismo, as superstições na obra reafirmam seu caráter inclusivista.

Como último exemplo, o sobrenatural domina o clima nos finais dos capítulos 35 e 37. O episódio de Rochester chamando por Jane a uma distância de três dias de viagem e ainda assim, ela ser capaz de escutá-lo, respondê-lo e ter sua resposta ouvida é, no mínimo, fantástico. Este fenômeno é reconhecido no meio Espírita como clariaudiência, ou seja, a habilidade de escutar o que está além da percepção normal da audição física comum. No entanto, apesar da extraordinariedade do evento, Jane cala-se. Ela encerra o caso de forma propositalmente inconclusiva, causando no leitor o pretendido desfecho misterioso, endossando a possibilidade de a religião ser mais do que um rito e abrir-se ao desconhecido e sobrenatural. Stefanie Sevcik (2010) complementa: “ela [Jane] atribui ‘pressentimentos’,

‘simpatias’ e ‘sinais’ à natureza em vez de experiência religiosa ou fé em Deus⁹.” (SEVCIK, 2010, tradução minha). E o que seria a natureza neste caso senão uma forma de divindade com a qual Jane possui ligações místicas? Em outras palavras, uma espécie de Deus que não se encontra em templos feitos por mãos humanas.

Desta forma, a obra parece conter um discurso inclusivista ao apresentar o místico ao lado da religião em um mesmo plano, o da personagem Jane, embora a própria Jane não demonstre religiosidade no sentido de se mostrar ritualista. Com efeito, ela transborda de um profundo conhecimento Bíblico, o qual pode ser explicado por sua educação em escola Cristã, como narrado nos primeiros capítulos. Além disso, como aponta Bolt (1999), Brontë constantemente remete ao Livro de Oração Comum, o qual é um livro litúrgico, embora não o faça declaradamente, o que torna a figura da religião sempre presente na vida da personagem, ainda que esta não afirme categoricamente seu apreço pelos serviços dominicais.

A personagem de Jane Eyre representa em si própria a conciliação da forma e do conteúdo, da religião com o místico e sobrenatural. Seu relacionamento com Rochester também seria uma instância do inclusivismo da narrativa, já que existe o que se pode chamar de uma união entre o sagrado e o profano, uma vez que Jane representa um anjo e Rochester um demônio. Isto pode ser observado no fato de que Rochester frequentemente a chama ora de anjo, ora de elfo, feiticeira, bruxa, fada, no sentido de ela possuir poderes que o encantam. Embora não esteja claro, Rochester faz o papel do demônio da relação dos dois, tanto pela sua aparência bruta e seus modos rudes, quanto por sua falta de valores, suas atitudes promíscuas, suas críticas e comentários, os quais se tornam ainda mais óbvios e realçados enquanto antagonizados ao lado de Jane. Jane é o exato contrário de Rochester; o casal é oposto em circunstância, crença e personalidade. Todavia se completam.

No caso de haver qualquer envolvimento entre Jane e Rochester, ela estaria cometendo pelo menos dois pecados. O primeiro e mais óbvio seria o adultério, por ser ele casado. O conhecimento da iminente prática do adultério provocou a fuga de Jane e contribuiu com grande parte de seu desespero como resultado de culpa. O segundo pecado é conhecido na Bíblia por jugo desigual (II Coríntios 6.14) e consiste na associação matrimonial de pessoas de diferentes fés. Contudo, embora Jane retorne para Rochester, ela não tem a intenção de casar-se com ele, pelo menos não a princípio, enquanto ainda desconhecia sua viuvez. Como mencionado anteriormente, Jane recusa unir-se a Rochester estando este casado. Entretanto, apesar de não possuírem um relacionamento amoroso concreto até o final da história, quando Rochester informa Jane de sua viuvez e de que professa a mesma fé em Deus, mesmo antes a ligação e atração que há entre as duas personagens parece mais forte que as diferenças, como dois pólos magnéticos opostos de um ímã. Tal atração oferece a possível leitura da união e relação de interdependência entre o sagrado e o profano, como uma espécie de Yin yang.

Dentro da perspectiva de uma narrativa inclusivista, aberta igualmente ao místico e ao ritual sincero, ao sagrado e ao profano, Jane atuaria como uma espécie de Jesus, o qual se

⁹ Jane seems to value nature more highly than religion in choosing a married life rooted in passion and compassion rather than one of religious devotion. Further, she attributes “presentiments,” “sympathies,” and “signs” to nature rather than religious experience or faith in God.

aproximava dos piores pecadores e cuja simples presença transformava a vida destes. Assim, é necessária a aproximação entre o sagrado e o profano para que o primeiro contagie o último, para que a luz ilumine as trevas. De fato, não há associação (entre a luz e as trevas, por exemplo) enquanto não há mudança de estado, mas também não haveria mudança de estado se não houvesse aproximação.

No caso de Jane e Rochester, o jugo desigual cessou após o incêndio em Thornfield. Rochester afirma: “Jane! Aposto que você me julga um cão sem religião; meu coração transborda de gratidão ao benigno Deus desta terra neste momento.” (BRONTË, 1983, p. 438). Como Jackson (1994) remarca, “Deus finalmente surge para Rochester na forma do fogo – um instrumento de ‘justiça divina’ – o qual destrói Thornfield. A fé recém encontrada de Rochester e sua subsequente mudança de caráter possibilitam seu casamento com Jane¹⁰”. Ou seja, em seu desfecho a narrativa se escusa, isenta-se de qualquer culpa e une a santa Jane a um Rochester transformado, a fim de harmonizar a história e corresponder às expectativas sociais, castrando as ideias revolucionárias que foram apresentadas. Jackson (1994) prossegue em seu artigo em defesa da soberania divina ao comentar que

A descoberta de Deus, então, une todas as pontas soltas do romance, satisfaz o verdadeiro amor, e encerra o livro com uma mensagem geral afirmando que duas almas apaixonadas podem unir-se em matrimônio afinal, se o Senhor quiser.¹¹

Já Sevcik (2010) atribui ao casamento uma conotação diferente ao focar no ato natural e espontâneo, o qual de certa forma iria de encontro a uma vida religiosa: “Jane parece valorizar mais altamente a natureza do que a religião ao optar por uma vida matrimonial fundamentada em paixão e compaixão ao invés de uma vida de devoção religiosa.” Para Sevcik, então, até mesmo o casamento enfatiza a natureza, a experiência (mística), sobre a religiosidade vazia. Entretanto, valorizar a natureza remete ao Catolicismo, que acredita em uma resposta desta aos olhos mais sensíveis. Em *Villette* (1853), também de Charlotte Brontë, a personagem principal, Lucy Snowe, deixa claro o seu desprezo pelas tradições e crenças Católicas ao longo de todo o romance. No entanto, apaixona-se por um Católico praticante, concluindo desta forma que o amor supera barreiras religiosas – embora o casamento de fato nunca aconteça. De certa forma, ainda que protestante, Jane busca revelações divinas no mundo natural, como uma fonte alternativa de revelação, o que é tipicamente Católico Romano.

Ao compor enredos religiosamente sincréticos, Brontë parece trilhar um caminho que levaria a um movimento fundado por Helene Petrovna Blavatsky em 1875, chamado Teosofia. Não se pode afirmar com certeza que Brontë já vivia as influências do que viria a ser este movimento. Tampouco se pode negar o interesse em espiritualidade mística que

¹⁰ God appears at last to Rochester in the form of the fire – an instrument of “divine justice” – which destroys Thornfield.

¹¹ The discovery of God, then, ties together all the loose ends of the novel, fulfills true love, and closes the book with an overall affirming message that two impassioned souls can unite in marriage after all, if the Lord wills it.

ambas compartilham, como numa fusão de espiritualismo com os diversos ramos do Cristianismo com os quais Brontë teve contato.

Charlotte Brontë conseguiu com maestria romper com o esperado ao unir dois opostos no laço mais forte que pode existir entre duas pessoas, o matrimônio, que biblicamente é quase uma união literal das duas carnes em uma. A conciliação proposta entre o sagrado e o profano, e o místico e o ritual, demonstram o caráter inclusivista e ousado da obra. Como Bolt (1999) explica, “ela [Brontë] está determinada a libertar-se das restrições impostas sobre uma mulher inteligente e articulada de meados da Era Vitoriana sem riquezas ou influência¹².” (BOLT, 1999, tradução minha). Assim sendo, esta análise oferece uma leitura diferenciada por meio de uma forma alternativa de pensar a religião no cenário Vitoriano.

REFERÊNCIAS

ALTHOLZ, J. L. The Warfare of Conscience with Theology. **The Victorian Web**, 15 ago. 2001. Disponível em : <<http://www.victorianweb.org/religion/altholz/a2.html>>. Acesso em 27 ago. 2011.

BOLT, Peter. Rochester vs. St. John Rivers: or Why Jane Eyre Preferred a Cynical Sinner to a Religious Zealot. **The Victorian Web**, 19 jan. 1999. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/bronte/cbronte/bolt1.html>>. Acesso em 14 out. 2011.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Londres: Penguin, 1994.

BRONTË, Charlotte; SANTARRITA, Marcos (Trad.). **Jane Eyre**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S/A, 1983.

BROWNELL, Eliza. Passion, Dreams, and the Supernatural in *Jane Eyre*. **The Victorian Web**, dez. 1993. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/bronte/cbronte/61brnt6.html>>. Acesso em 14 out. 2011.

EVERETT, Glenn; LANDOW, George P. High Church: Tractarianism. **The Victorian Web**, 14 dez. 2007. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/religion/tractarian1.html>>. Acesso em 03 out. 2011.

GLASSER, Jonathan. Questioning Evangelical Religion in Brontë and Dickens. **The Victorian Web**, 21 mar. 2003. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/dickens/pickwick/glasser11.html>>. Acesso em 14 out. 2011.

¹² [...] she is determined to break free from the restrictions imposed upon an intelligent, articulate mid-Victorian female without wealth or influence.

GÓMEZ-HERAS, J. M. G. **Teología Protestante: Sistema e Historia**. Madrid: La Edit. Católica, 1972.

GORDON, Allan. Dreams in *Jane Eyre*. **The Victorian Web**, 20 mai. 2004. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/bronte/cbronte/gordon15.html>>. Acesso em 14 out. 2011.

GREENBLATT, Stephen. The Power of Forms in the English Renaissance. **The Norton Anthology of Theory and Criticism**. Leitch, Vincent, ed. New York: Norton, 2001.

JACKSON, Mark. Spiritual Revelation in *Jane Eyre*. **The Victorian Web**, mai. 1994. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/bronte/cbronte/73revelmj.html>>. Acesso em 14 out. 2011.

KNIGHT, Mark; MASON, Emma. **Nineteenth-Century Religion and Literature**. New York: Oxford University Press, 2006.

SCHLOSSBERG, Herbert. The Evangelical Movement in the Church of England. **The Victorian Web**, 1998. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/religion/herb5.html>>. Acesso em 03 out. 2011.

SCHLOSSBERG, Herbert. The Tractarian Movement. **The Victorian Web**, 10 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/religion/herb7.html>>. Acesso em 03 out. 2011.

SCHWINGEN, Mary. Religious Belief in *Jane Eyre*. **The Victorian Web**, mai. 1994. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/bronte/cbronte/jane10.html>>. Acesso em 15 out. 2011.

SEVCIK, Stefanie. Nature and Religion, Nature or Religion. **The Victorian Web**, 8 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/bronte/cbronte/sevcik.html>>. Acesso em 14 out. 2011.

STEINBERG, Briel. The Supernatural Element in *Jane Eyre*. **The Victorian Web**, 2 fev. 2004. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/bronte/cbronte/steinberg1.html>>. Acesso em 15 out. 2011.